



entrevista congresso Prolatino

[ANTÓNIO LOPES DE SÁ DOUTOR EM CIÊNCIAS CONTÁVEIS]

“Os contabilistas são mais úteis a um Governo do que os economistas”

A hegemonia anglo-saxónica impôs regras contabilísticas que servem apenas os interesses das grandes empresas e da especulação bolsista. Críticas de um brasileiro que estuda esta ciência há seis décadas **Elisabete Miranda** elisabetemiranda@mediafin.pt

Diz que se os governantes tivessem a seu lado mais contabilistas do que economistas, o mundo estaria mais bem governado. Porquê?

Sem dúvida. Porque a contabilidade é eminentemente objectiva. A contabilidade e a economia são duas ciências que estudam algumas coisas iguais – tal como a física e a química – variando a forma de observar: na economia, é o réditto que faz o capital. Na contabilidade é o capital que faz o réditto. A economia é uma ciência que tem por objecto de estudo uma coisa abstracta: o património social. A contabilidade não, tem uma coisa concreta, que é o património do empreendimento, da empresa, da instituição.

E a óptica dos contabilistas faz falta a um país?

Ambos são profissionais indispensáveis. Porém, para o património público precisamos de contabilistas, que dão elementos objectivos.

Estão a decorrer eleições internas num dos principais partidos portugueses: o PSD. Uma das armas de arremesso usada por uma candidatura contra um outro candidato foi o de que ele tem “espírito de contabilista”.

Eu diria a esse político que ele tem espírito de economista. Tudo isso é fruto do desconhecimento, falta de cultura.

Mas esta imagem do contabilista como verificador de facturas e de somas está ainda muito enraizada.

Mas está errada. É a óptica de quem ainda não se actualizou com a cultura. Porque em 1836 – há quase dois séculos – a Academia de Ciências de França, da qual fizeram parte Lavoisier e Pasteur, consagrou a contabilidade como ciência. Ora passaram mais de 200 anos e esses moços ainda não sabem disto? A contabilidade passou, sim, da sua fase apenas infor-

mativa para a científica. É o mesmo que aconteceu com a alquimia. O que era a alquimia senão uma mistura desordenada de coisas para o encontro do conhecimento das matérias? Ela foi a mãe da química, mas nunca foi química: foi preciso que Lavoisier disciplinasse os conceitos, organizasse a matéria, para que ela fosse metodologicamente tratada e nascesse a química moderna. Com a contabilidade foi a mesma coisa.

Como olha para os escândalos financeiros que se têm sucedido e para os quais a contabilidade serviu de suporte?

Há alguns profissionais que ao serviço da ganância e da desregulação conseguiram deformar a conta-

bilidade e valer-se dela. Caso da Enron, Merck, Qwest, Parmalat...

Os casos não são tão poucos quanto isso. Isto leva-nos à outra imagem da contabilidade: a de fazer balanços à medida, fazer o que for necessário para que uma empresa possa mostrar o que quer e não o que vale.

É o mesmo caso do advogado: o cidadão cometeu um crime. Contrata um advogado para defendê-lo. O advogado defende o cliente ou o crime?

O advogado defende o criminoso. Mas nesses casos o contabilista é procurado para fazer o crime.

Às vezes, sim. Mas isso são excepções. A maioria da classe é conservadora. Estou na profissão há mais de seis décadas, sou o único brasileiro presidente de dois congressos nacionais. Num país que tem 400 mil profissionais, tenho feito o exercício da liderança, conheço os meus colegas. Agora, como em todas as profissões, existem os que estão ao serviço da maquilagem.

Diria então que a maior parte das empresas tem boa contabilidade?
Sim, sim.

Os seus balanços reflectem de forma verdadeira e apropriada...

... Bem, afirmar isso talvez já seja demasiado temerário, porque a maior parte das vezes quem oculta o facto é o empresário. Às vezes, defendendo-se de políticas fiscais vorazes. Essas coisas sempre existiram: desde a Suméria que o exercício do poder atrai a corrupção.

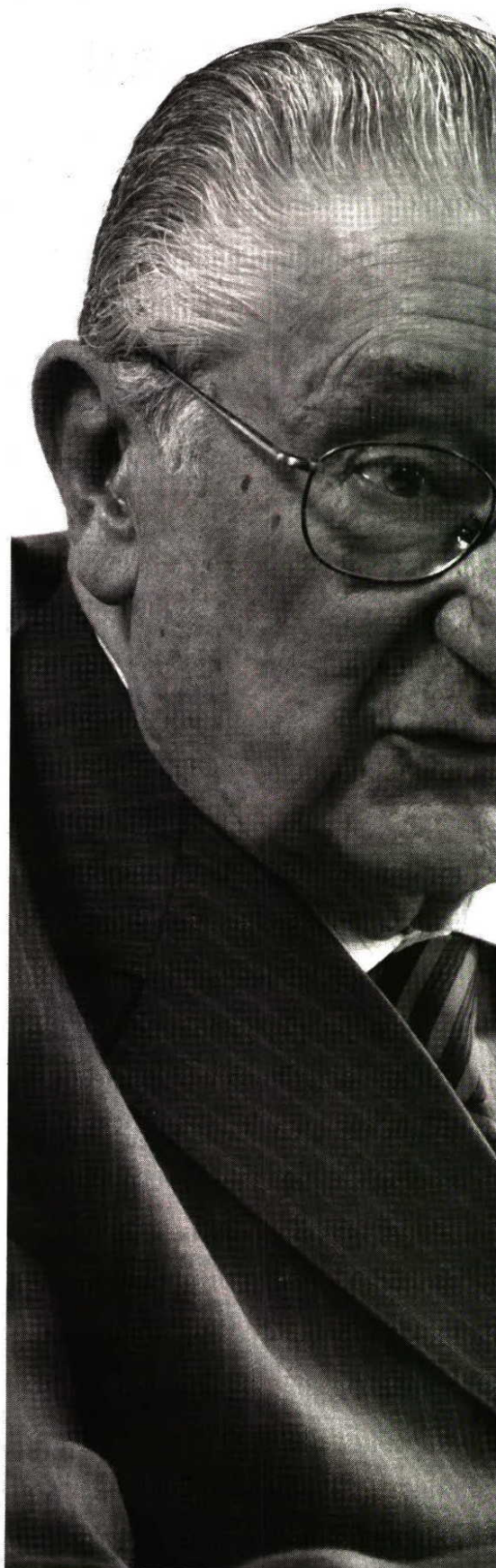
E isso escapa a um auditor?

Escapa. A auditoria adopta um método que não é infalível, que é a amostragem. O Banco Espírito Santo é um desses exemplos: no caso da BDO não engoliu um gato grande?

”

Achar que se insulta alguém dizendo que tem espírito de contabilista resulta da falta de cultura.

A maior parte dos escândalos são culpa do empresário, não do auditor.



Bruno Carvalho

“Os bancos ainda vão ganhar com a actual crise financeira”

É crítico da hegemonia anglo-saxónica na contabilidade. Acha que a recente crise financeira foi ampliada por causa das normas internacionais de contabilidade (NIC)?

Acho. Aliás, eu só não: o senado dos EUA acha. Diz mesmo que as normas têm sido responsáveis por fraudes. Foi feita uma comissão parlamentar de inquérito, que gerou uma publicação oficial de 1760 páginas, denominada de “establishment accounting” – conluio contabilístico – onde se denuncia todas estas manobras. As multinacionais de auditoria dominaram as entidades de classe e, em nome da classe, emitiram as normas. Como o FASB [organização que emite as normas nos EUA] caiu em desmoralização no final da década de 70, eles procuraram uma alternativa, com rótulo internacional. Já não seria com rótulo norte-americano, ainda que nós nada opinássemos.

Nós quem?

Os outros países, porque os anglo-saxões dominaram isto, impondo-nos uma contabilidade que não é científica. Como contabiliza no imobilizado um bem que não é seu? No “leasing”, eu entrego-lhe um bem para que você o use, pagando-me um valor, com opção de compra no final. Como é que eu coloco no meu imobilizado este património se ele não é meu? Ainda por cima a empresa de “leasing” também o vai registar no seu balanço. Que mentira. Como é que isso pode ser contabilidade?

E o princípio do justo valor?

O justo valor como valor de realização é outro engodo. É a porta aberta à fraude. Vou dar um exemplo prático. Quase todas as normas se baseiam em alternativas. Pode ser assim, mas também pode ser de outro jeito; e se não for desse, pode ser deste outro... criou-se um sistema de tal forma complexo que consegue produzir lucros e prejuízos com a mesma norma.

Como assim?

O justo valor é isso. Eu tenho um

”

As normas internacionais de contabilidade foram feitas para a especulação financeira. E quem perde é o povo miúdo, que vai à bolsa.

Os bancos jogam com as perdas financeiras, eles têm os fundos de investimento na mão.

O justo valor (“fair value”) é um engodo. É a porta aberta à fraude.

imóvel de 100 mil euros, mas peço-lhe para me dar um valor de correspondência de compra de 300 mil e esse passa a ser o valor de realização.

Mas nas ações, por exemplo, o justo valor é o da cotação.

Não, porque o preço da cotação é proporcional ao valor do resultado. Se você tem um preço alto de ações, tem lucro; se tem um preço baixo, tem prejuízo. Aí é que está o problema da norma: posso dar lucro ou prejuízo à vontade. O que acontece? Sabendo de antemão que posso dar lucro ou prejuízo à vontade, apresento um balanço com um terrível prejuízo e todo o mundo vende as minhas ações. E como eu sei que vou dar lucro para o ano, compro as ações quando elas estão baixas. E aí toda a gente corre para comprar as minhas ações. Esse é o jogo.

O justo valor e as NIC fomentam a especulação financeira?

São feitas para isso. O objectivo das NIC é a bolsa. Sempre foi. Este é um movimento nitidamente bolsista. Quem perde é o povo miúdo, que vai à bolsa. O grande investidor não perde porque está dentro do negócio.

E as participações dos bancos? Nesta crise estão a perder dinheiro.

Mas os próprios bancos jogam com essas perdas, eles têm os fundos de investimento na mão!

Acha então que os bancos ainda vão capitalizar com este momento?

Sem dúvida. Siga a história desde a Grécia: quantos bancos têm perdas? Um banco nunca tem perdas. Ele lida com o capital dos outros, não com o dele. Pegue num balanço de um banco, qualquer um. A origem do capital encontra-a no passivo. Como é que é num banco? Meu 10%; dos outros 90%. O banco gira nessa base, na compensação da velocidade entre o dinheiro que entra e o que sai.

Qual a alternativa ao justo valor?

Temos de recuperar a teoria do va-

lor. É na ciência, no estudo científico que tem de se ir buscar as normas, não no empirismo. Constrói-se ciência a partir de teorias; e constrói-se teorias a partir de teoremas; e teoremas a partir de conceitos. Onde os conceitos falham, falha toda a ciência e nas NIC os conceitos são paupérrimos.

A integração dos mercados financeiros não torna necessária uma harmonização de normas?

Isso é o que os romanos há dois mil anos atrás já proclamavam: para propósitos desonestos, procura-se justificativas honestas. A justificativa honesta é unificar a contabilidade mundial: conversa fiada. Essa uniformidade busca-se na ciência, não em normas. Já viu alguma norma de física nuclear?

Portugal tinha alternativa às NIC, dada a tendência internacional?

A tendência internacional é a da comodidade. Por que continuamos a curvar-nos humildemente a uma cultura que não é a nossa? Essa submissão de acharmos que o anglo-saxão é maior do que nós foi a perdição de Portugal. As riquezas que vieram do Brasil, em vez de terem beneficiado Portugal, sustentaram a revolução industrial inglesa.

A comunidade científica tem desempenhado o papel que devia?

É o que estamos a tentar fazer com o Prolatino.

Os POC (planos oficiais de contabilidade) são preferíveis às NIC?

Sim, são. Estaremos melhor como estávamos. Devemos aperfeiçoar o que já conquistámos e não abandonar o que conquistámos para seguir o que outros pensam. O IASB [entidade que define as NIC] está a assemelhar-se a bulas papais, defendendo a infalibilidade. Enquanto que até o nosso Conde de Oeiras [Marquês de Pombal] duvidava da infalibilidade do papa quando expulsou os jesuítas daqui. Mas eles querem ter essa capa.

[PERFIL]

➔ Cientista da contabilidade

António Lopes de Sá

É um cientista da contabilidade, um dos mais prestigiados da actualidade e precursor de uma teoria que conta com vários seguidores, “o neopatrimonialismo”. António Lopes de Sá é um apaixonado do debate teórico e a prová-lo estão o fórum que alimenta no seu endereço electrónico e, esta semana, o périplo que fez por várias universidades de Portugal. Mas nem só de filosofia vive este homem com mais de 80

anos que, para mostrar que teoria e a prática fazem parte do mesmo processo e se complementam, lembra que “cinco das maiores empresas brasileiras” são suas clientes. Crítico acérrimo da falta de democracia intelectual que norte-americanos e ingleses impuseram à contabilidade, quer que o Prolatino – um congresso organizado pela Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas que hoje

e amanhã reúne especialistas dos países latinos – se afirme como um movimento alternativo ao pragmatismo anglo-saxónico, que olha a contabilidade como um mero instrumento para a promoção dos mercados financeiros. Tem mais de 11 mil artigos editados e 170 livros publicados nos EUA, América Latina, Portugal, Espanha e Itália, dos quais já vendeu mais de 4 milhões de exemplares.

**Entrevista**

“A banca vai ganhar com a actual crise financeira”

➔ Lopes de Sá, guru da contabilidade, está hoje no congresso da CTOC **Págs. 28 e 29**